

Se os Olhos Pudessem Matar...

Daniel Alvarez

Crônicas do Pós-Guerra

Título: Se os Olhos Pudessem Matar...

Autor: Daniel Alvarez

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: Jorge Candeias

Publicado originalmente em: Somnium nº 78 (2000) - CLFC (Brasil)

Outras publicações:
E-nigma Pro, 2001

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição nº: NE-11/2004

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

**“If looks could kill,
You’d be lying on the floor!”
[Heart]**

Observo o invulnerável da Federação riscar de prata o verde escuro do céu vespertino de Bollrz, o mais externo dos mundos oxigenados de Caril.

Os sistemas automáticos da belonave conduzem a manobra de aterragem no único astroporto planetário deste mundo árido desprovido de oceanos.

Tantas jovens membros promissoras do Partido da Aliança dispostas e ávidas pela honra de recepcionar os emissários humanos recém-chegados e logo eu, hierarca da oposição que encaro com pouca simpatia nossa amizade com esse povo, fui escolhida para a missão.

Como de hábito, usamos Bollrz mais uma vez como porta de entrada dos humanos em Caril. Nossos aliados consideram confortável a gravitação do planeta, 20% inferior a de Norgall. Além disso, apreciam a claridade suave dos céus esverdeados de Bollrz, tão pouco brilhantes quanto os céus azuis da Terra num dia ensolarado, lembrando sempre que o Sol visto da Terra parece consideravelmente mais pálido do que a Caril que fulgura nos céus bela nossa bela e amada Norgall.

Mesmo a dois quilômetros de altitude, o invulnerável humano revela-se visivelmente maior que nossos couraçados. “*A escala dos invulneráveis é 50% maior*”, informa meu implante de memória.

De qualquer modo, os dois tipos de nave compartilham o mesmo design elipsoi-dal básico — o que não é nenhuma surpresa, visto que os humanos nos ensinaram a construir naves estelares, cujos projetos eles próprios apreenderam a partir dos destroços imperiais, bem nos primórdios da Guerra Ry’whax-Homeotérmica.

Quando comparado com um mercante estelar, o invulnerável não parece lá

grande coisa com seus parcos 300 metros de diâmetro maior. Em termos de belonaves, contudo, trata-se de um colosso. Além disso, é auto-suficiente, dotado de poder-de-fogo quase indescritível e capaz de aterrar nas superfícies planetárias de relevo mais escarpado e irregular.

A belonave estelar desativa os jatos de frenagem e passa a flutuar inerte, com seu pólo inferior a poucos metros do piso de concreplástico do astroporto.

Por infeliz capricho da política carily, a Alta-Hierarquia da União ungiu-me com o dever de receber o Conselheiro Odysseus Magnus e sua comitiva. Oficialmente a razão de minha escolha deve-se ao fato de eu ser a hierarca mais jovem disponível em Caril capaz de articular o latim sem o auxílio de implantes-tradutores. Imagino que o fato de eu ser uma xenóloga especializada em conduta e costumes humanos também tenha pesado na escolha.

Logo eu, que por direito ainda devia estar entocada, cuidando da nova ninhada e usufruindo dos prazeres do harém, após da ausência nos meses finais da gestação, e não recepcionando humanos... Tenho certeza que minhas primogênitãs estão cuidando bem das irmãzinhas. O que me preocupa é que deixei os machos de meu harém aos cuidados dúbios daquelas meninas lascivas...

É melhor nem pensar nas coisas que não podemos mudar.

Devo receber o emissário plenipotenciário da Federação Humana e acompanhá-lo em sua visita a Caril, que nossos aliados mais fiéis ainda insistem em chamar de “Sistema Duplo de Capella”.

Segundo instruções recebidas, devo conduzir o conselheiro e seu grupo a qualquer parte de Caril que o humano julgue necessário para realizar aquilo que o Conselho Científico da Federação designou enigmaticamente como “pequena demonstração de caráter prático”.

Surgiram, não sei bem de onde, alguns boatos e insinuações veladas de que a humanidade teria desenvolvido uma arma definitiva para estancar a Segunda Invasão. Embora não me julgue especialista em tecnologia bélica, considero de todo improvável que os humanos tenham aperfeiçoado uma nova arma ofensiva capaz de destruir os Peregrinos sem que nossa inteligência tenha ouvido falar algo a respeito.

Meu módulo de processamento informa que o invulnerável acaba de desativar

os compensadores de inércia, sustentando-se agora apenas sobre os grossos pilares pneumáticos recém-emersos de seu casco de aparência fluida.

— Quantos humanos irão desembarcar? — Indago a meus módulos e implantes auxiliares.

Meu link interno conecta-se ao sistema de informação do astroporto e este comunica-se com o programa-mestre do invulnerável. Dois segundos mais tarde, obtenho a resposta: “*Três humanos.*”

Estranho... Isto quer dizer que a tripulação da nave não gozará sua licença tradicional de alguns dias nas instalações militares anexas ao astroporto.

Esfrego o focinho nas costas da pata esquerda, simulando indiferença. Ingresso no grande flutuador automático que me aguarda de porta aberta. Acomodo-me num dos dez assentos de estofamento macio, mais ao gosto dos humanos que ao nosso. A porta fecha com um chiado quase imperceptível e o flutuador acelera em direção à escotilha inferior do invulnerável.

O casco abaulado da belonave reflete em tons azulados o brilho amarelo esmaecido e distante de Caril, uma fração ínfima do fulgor ígneo com que nosso primário se exhibe radiante nos céus de Norgall.

Da janela de plástico do flutuador, não consigo enxergar as marcações das comportas dos canhões de transição. Contudo, não preciso que meus processadores implantados me digam onde elas se situam.

Do hemisfério norte do invulnerável projeta-se a reprodução gigantesca do Cordeiro — um vertebrado homeotérmico quadrúpede nativo da própria Terra — ícone holográfico há muito adotado por nossos aliados e que, hoje em dia, mesmo as espécies alienígenas recém-contatadas associam facilmente à presença da humanidade em seus domínios.

Ah, os humanos e suas emoções atávicas...

Não há registro de outra espécie em toda a Periferia que, deixando-se governar tanto pelos sentimentos e emoções quanto os humanos, tenha chegado tão longe.

Segundo consta a lenda, o comandante daquela primeira flotilha de avassalamento do Império Ry'whax a ingressar no Sistema Solar, com o intuito de se jactar com os conhecimentos recém-adquiridos junto aos futuros vassalos, teria afirmado

que “*seria tão fácil para suas belonaves aniquilar a humanidade quanto para um lobo faminto devorar um cordeiro indefeso...*”

O comandante ry’whax teve motivos convincentes para pensar daquela forma. Afinal, sua flotilha dispunha de recursos bélicos e tecnologia inimagináveis para os humanos da época do primeiro contato com o Império.

E, no entanto, a humanidade destruiu aquela primeira flotilha de avassalamento e absorveu como uma esponja a matriz tecnológica do inimigo, encontrada nos escombros do couraçado e dos cruzadores sinistrados.

Depois desse primeiro engajamento da longa Guerra Ry’whax-Homeotérmica, batizado “Batalha Prima” pelos humanos, a Federação recém-estabelecida teria escolhido o cordeiro sobre um campo estrelado como símbolo máximo de sua espécie.

—oOo—

Ao contrário da maioria das carilybits, não morro de simpatia por nossos fiéis amigos humanos.

Eles foram aliados formidáveis durante a Guerra, não há dúvida. Também não me ressinto nem um pouco — ao arrepio da ortodoxia independente tão em voga entre os historiadores especializados em nossa fase pré-contato — com a maneira pela qual os humanos nos influenciaram por ocasião do primeiro contato. A atitude deles foi honesta e bem intencionada; o que é bem mais do que podemos afirmar em relação à política da nobreza indolente-comercial ry’whax. E, o mais importante, os humanos tinham de fato razão: não havia neutralidade possível para a cariléia entre as forças antagônicas da pequenina Federação Humana e do Eterno Império Ry’whax. Ou bem nos tornávamos vassalos privilegiados, ou nos uníamos à cruzada gloriosa, mas arriscadíssima, proposta pela humanidade. Creio piamente que nossos antepassados tomaram a decisão acertada ao optar pelo ingresso na Aliança de Extermínio.

Meus motivos de ressentimento são outros. Motivos mais recentes e relacionados à política externa humana do Pós-Guerra.

Como filiada ao Partido Independente, até bem pouco tempo atrás defendi um afastamento maior da política expansionista da Federação. Assumi a postura oficial

do partido, até por julgar que, com a Guerra finda há quase um milênio, já não havia mais justificativa para mantermos o vasto aparato militar de nossa Armada Conjunta em patrulhas constantes pelas regiões da Periferia habitadas por civilizações-membros da Associação Livre.

Com população e Armada bem maiores do que as nossas, mais sistemas estelares colonizados e, sobretudo, pelo fato de nos terem facultado a tecnologia cósmica ry'whax, os humanos sempre nos viram como uma espécie de irmãos caçulas, que eles se propõem conduzir e orientar, mesmo nos dias de hoje, tanto tempo após a ameaça ry'whax ter sido debelada.

Ora, antes do contato com a humanidade e o Império, já havíamos colonizado toda a vastidão que circunda Caril, um sistema duplo e muito maior do que o diminuto Sistema Sol. Além disso, já havíamos unificado a cariléia sob um único governo, bem ao contrário da humanidade, que precisou do *incentivo* ry'whax para se unir e que sequer explorava economicamente a nuvem cometária de seu sistema natal quando da chegada daquela malfadada flotilha de avassalamento...

Os humanos adoram jactar-se para as espécies recém-contatadas de como salvaram todos os povos da antiga Aliança com seus inventos maravilhosos, como o gerador de buracos negros e os canhões de transição. Não que esses sistemas de armas tão tenham sido muito importantes e, porque não dizer, revolucionários. Contudo, eles sempre se esquecem de mencionar que na hora mais negra da Aliança, quando todas as outras espécies já haviam perdido a esperança na humanidade e na cariléia, foi graças ao Defletor Gul, uma invenção carily, que a Armada Aliada não foi reduzida a partículas subatômicas em questão de décadas pelos canhões hipercósmicos, um invento arcano com que os n'ghartfs presentearam os ry'whaxers nos tempos de Sglan-ghen o Grande.

Com o fim da Guerra, a Aliança de Extermínio foi dissolvida e a Federação Humana e a União Carily estabeleceram um tratado de paz com a Confederação N'ghartf. Desde então, a paz tem reinado neste braço da Periferia.

Como muitas outras jovens carilybits, eu acreditei que chegara a hora de pararmos de concordar cegamente com a política expansionista dos humanos.

Desde o término da Guerra, houve um acordo tácito entre os povos aliados —

tanto nós e os humanos, quanto os ex-vassalos libertados do Império — pelo qual a humanidade e a cariléia atuariam como uma espécie de força policial da Associação Livre, com a responsabilidade de defender as espécies-membro contra qualquer eventual ameaça externa, bem como impedir que dois ou mais membros agredissem uns aos outros.

Contudo, isto foi há mais de nove séculos. De lá para cá, até quarenta anos atrás, nada no ambiente galáctico pacífico da Associação Livre parecia justificar a existência desse aparato militar tão poderoso.

Até que os *jkleii* voltaram...

—oOo—

A escotilha do elevador de desembarque do invulnerável fendeu-se em seu bojo inferior quando o flutuador ingressou sob a sombra da belonave.

Meu veículo pára a poucos metros do orifício.

Salto do flutuador e caminho até a escotilha do elevador com passos cautelosos, ainda não inteiramente acostumada à gravidade reduzida de Bollrz. O ar frio e ralo do final dessa tarde de verão assemelha-se mais ao do topo das cordilheiras de Norgall. A brisa gélida arrepia meus pelos e a reação ativa o controle térmico de meu traje.

O cheiro seco e arenoso típico do Continente Austral desse mundo árido me invade as narinas, produzindo uma coceira suave e não de todo desagradável na extremidade do focinho.

Tento vasculhar o interior da câmara de desembarque do invulnerável. Mesmo com auxílio de meus dispositivos de ganho visual, não há muito o que ver. Ainda não há sinal dos humanos.

— Onde estão eles? — Murmuro a meus sistemas.

“Contato com o programa-mestre da *Belerofonte*. O Conselheiro Magnus envia saudações e pede para avisar que ele e os outros dois humanos em breve se reunirão consigo.

Sem nada a fazer, aguardo o aparecimento de nossos aliados.

—oOo—

Segundo os n'ghartfs, os jkleii já haviam predado nosso setor da Periferia há cerca de 150.000 anos, numa época em que tanto nós quanto os humanos sequer sonhávamos emergir de nossas pré-histórias monoplanetárias. Na ocasião, essa raça homeotérmica de predadores nômades realizou um ataque em massa aos sistemas habitados pelos n'ghartfs e demais espécies confederadas.

Já àquela época, os jkleii singravam a Periferia em seus *Peregrinos*, gigantescas naves estelares cilíndricas com as dimensões de pequenos planetas — as maiores possuíam até 2.000 Km de comprimento, 600 Km de diâmetro e população estimada em 200 milhões de habitantes.

A Primeira Invasão foi empreendida por uma frota de cerca de 300.000 Peregrinos... Trezentos mil mundos artificiais praticamente inexpugnáveis!

Os n'ghartfs e seus associados presenciaram impotentes quando os jkleii arrasaram sistemas estelares inteiros, não apenas à caça de conhecimentos e bens tecnológicos para nutrir sua cultura parasitária, mas também em busca de matérias-primas para construir mais Peregrinos e elementos leves para alimentar os conversores dos gigantes cilíndricos já existentes.

Ao longo das sete décadas da Invasão, os jkleii produziram danos terríveis no interior da superfície fronteiriça confederada. Foram responsáveis pela extinção de três das quatorze espécies que outrora integravam a Confederação N'ghartf e atrasaram em vários milênios o desenvolvimento técnico-cultural das sobreviventes.

Contudo, não obstante a índole pacífica dos n'ghartfs e seus associados, eles lutaram como puderam. Após a destruição de centenas de mundos habitados em muitos sistemas estelares confederados, os invasores foram afinal expulsos dos domínios n'ghartfs, graças ao advento mais do que oportuno dos canhões de radiação hiper-cósmica.

Uma vez munidos dessas armas fantásticas, os pseudo-insetóides exerceram retaliação maciça contra o inimigo, destruindo milhares de Peregrinos, cujos campos defensivos, outrora impregnáveis, puderam ser rompidos como se fossem feitos de folhas de alumínio.

Meu módulo de memória traz de volta a recordação vívida e perfeita de um velho holo histórico n'ghartf que assisti quando era pouco mais que uma cria.

Unidades máximas n'ghartfs, dezenas de octaedros minúsculos, a revoar céleres como abelhas furiosas em torno de cada gigante inimigo. As rajadas coerentes de partículas aceleradas a velocidades muito próximas à da luz atingindo seguidamente os pontos fracos dos longos cascos cilíndricos dos Peregrinos, penetrando no âmago de seus conversores de matéria e os fazendo explodir feericamente, como miríades de novas singulares. Em seguida, a revoada dirigia-se ao próximo Peregrino, repetindo a mesma operação dezenas de vezes...

Apesar da vitória confederada, a Primeira Invasão produziu traumas profundos na cultura n'ghartf.

Esse trauma ajuda a explicar a simpatia imediata dos n'ghartfs pelos ry'whaxers.

Como os jkleii, e ao contrário dos povos confederados e dos ry'whaxers, nós e os humanos somos criaturas homeotérmicas. Daí, imagino que os pseudo-insetóides devam ter se sentido solidários com aquele vasto núcleo de civilização galáctica subitamente apossado por bárbaros homeotérmicos agressivos... Não espanta terem presenteado os ry'whaxers da Grande República de Sglanghen com o projeto dos canhões hipercósmicos.

Agora, os jkleii estão de volta.

Onde estiveram nestes últimos 150 milênios, não sabemos.

No entanto, por onde quer que tenham vagado, devem ter aprendido a construir sua própria versão dos nossos defletores Gul com alguma espécie alienígena.

Ainda que empregássemos os canhões hipercósmicos oferecidos pelos n'ghartfs, não seríamos capazes de destruir os Peregrinos como os pseudo-insetóides o fizeram quando puseram fim à Primeira Invasão.

Pelo fato de seus feixes-graser viajarem pelo não-espço, materializando-se no interior dos campos defensivos inimigos, os canhões de transição concebidos por Michael O'Bradley permanecem efetivos contra os jkleii. Contudo, como não possuem nem de longe o mesmo poder ofensivo dos artefatos n'ghartfs, as armas mais poderosas de nossos arsenais raramente conseguem alvejar mortalmente um Peregrino.

Contudo, apesar de terem se tornado praticamente indestrutíveis, nesta Segunda Invasão os colossos cilíndricos estão se comportando de maneira mais cautelosa desta vez.

Afinal, quatro décadas se passaram e, apesar das evacuações planetárias maciças e das inúmeras derrotas e bilhões de baixas, nenhuma espécie se extinguiu...

Não obstante o fato de agora a frota jkley possuir quase um milhão de unidades!

—oOo—

Nem preciso consultar meu implante mnemônico para lembrar cada palavra da declaração indignada da alta-hierarca Riph-Fow, minha mentora política, naquela mesma reunião da Hierarquia de Governo em Norgall, onde fui escolhida para acompanhar Odysseus Magnus em sua presente visita a Caril.

“Todos os sistemas carilys e humanos, bem como os principais sistemas dos birnaxs e dos n’ghartfs estão resguardados da ação predatória dos Peregrinos, graças à presença das baterias geradoras de singularidades.

“O mesmo não se dá, no entanto, com os quase 30 mil sistemas estelares habitados pelas demais raças aliadas, membros antigos e recentes da Associação Livre...

“Nossos estrategistas estimam que seriam necessárias em média de treze a quinze baterias geradoras para defender cada um desses sistemas...

“Ora, estamos falando de 450 mil baterias geradoras de singularidades! Um número mais de 100 vezes maior do que a quantidade já instalada pela humanidade nos últimos 1.600 anos.

“Prezadas irmãs de clã e de credo, estamos diante de um impasse. Caso não consigamos uma solução satisfatória, é bem provável que dentro em breve nós, os humanos, os n’ghartfs e mais uma meia dúzia de outras espécies privilegiadas, tornemo-nos as únicas remanescentes da — diremos então — outrora pujante e florescente Associação.”

Riph-Fow fez uma pausa de efeito, aproveitando para tomar fôlego.

Gham-Bedech, uma hierarca do Partido da Aliança, valeu-se da oportunidade para erguer-se da banquetta oblonga enfileirada na ala de seu partido e menear a cabe-

ça recoberta de pelos fulvos, numa solicitação tácita para se manifestar.

Riph-Fow assentiu com um ligeiro tremor das orelhas hirsutas, ao que a hierarca mais jovem questionou:

“Gostaria que nos informasse, ó honorável, o que existe de verdadeiro no boato que corre por toda Norgall de que um batalhão humano constituído por natibélicos e guerreiros biomechs teria conseguido tomar um Peregrino de assalto.”

Do alto de sua tribuna, Riph-Fow fitou a opositora mais jovem em silêncio. Ali-sou os pelos negros e lustrosos das faces com ambas as patas, mantendo o ar fleugmático habitual. Sem o menor sinal de pressa, piscou os olhos já vermelhos devido à idade avançada. Suspirou. Dentro em breve deverá decidir se deseja ou não habitar um corpo mais jovem. Ajeitou a toga branca de linhas sóbrias com gestos calmos e calculados. Sacudiu as orelhas recobertas de pelos negros, demonstrando enfim um assentimento algo relutante:

“De fato. Um comando composto por 10.000 natibélicos acompanhados por 50.000 bio-robôs conseguiu tomar uma dessas naves gigantescas, a despeito de lutar contra 200 milhões de jkleii sob uma gravitação reduzida de apenas 0,6 G. Uma empreitada heróica, mesmo quando levamos em conta todos os numerosos relatos de proezas improváveis efetuadas pelas forças de choque natibélicas dos tempos da Guerra.

“Tal façanha, porém, revelou-se de todo inútil. Tão logo se perceberam sem o domínio da nave-mundo, os comandantes jkleii ativaram um mecanismo de autodestruição, transformando o colosso cilíndrico numa nuvem de gás incandescente de dimensões planetárias...”

Riph-Fow fitou as companheiras de partido e também as adversárias do partido situacionista. Ante a gravidade da ameaça, já não havia espaço para situação ou oposição. Deviam irmanar-se todas numa mesma cruzada sem esperança.

Denotando enfim todo o desânimo e cansaço acumulado nesses últimos anos de perdas terríveis, a alta-hierarca baixou as orelhas, sentou-se com ar derrotado e concluiu em tom rouco:

“Ninguém na União Carily se ilude em imaginar que nossa Armada Conjunta, com efetivos que não chegam a 8.000 invulneráveis e 90.000 couraçados, possa fazer

frente a uma frota de um milhão de naves do tamanho de planetóides... Não quando se sabe que cada Peregrino dispõe de campos defensivos quase inexpugnáveis e aparato ofensivo capaz de engajar e destruir uma esquadra inteira de couraçados em questão de segundos...

“Os humanos dizem possuir uma nova arma que porá fim à Segunda Invasão...

“Eu digo: a máquina de propaganda da Federação desandou feio desta vez!”

—oOo—

Ao fitar o Conselheiro Magnus junto à escotilha de desembarque do invulnerável, relembro visceralmente algo que muitos leigos talvez só intuam a partir dos holos históricos e noticiosos: como os humanos são parecidos com nossos glanderks!

Não surpreende que nos tenhamos dado tão bem com eles e confiado tanto em suas declarações incríveis desde o primeiro contato, há mais de mil anos.

Apesar dos humanos não possuírem a pelagem azulada característica dos glanderks, tampouco o mesmo aroma almiscarado pungente e serem, é claro, muito maiores que nossos animais de estimação prediletos, têm os olhos grandes e posicionados na frente de uma face achatada, à semelhança dos glanderks. É sabido que os humanos evoluíram a partir de animais homeotérmicos de visão binocular aguda, como os glanderks. Por isto, os humanos primitivos jamais precisaram domesticar um animal com olhos penetrantes para auxiliá-los em suas primeiras caçadas paleolíticas, como as carilybits precisaram dos glanderks.

Talvez como compensação por sua visão aguçada, os humanos possuem olfato e audição pouco desenvolvidos quando comparados com nossos sentidos. Por isso, o animal que elegeram como companheiro de caçadas foi a *cadela*, um quadrúpede homeotérmico carnívoro dotado de olfato e audição quase tão sensíveis quanto os de uma carilybit.

Alguns humanos ainda insistem em afirmar que as cadelas são parecidíssimas conosco. A alegação é claramente absurda. Pois embora a pelagem corporal e a estrutura craniana básica das cadelas sejam de fato vagamente semelhantes às das carilybits, tais animais são quadrúpedes, e não bípedes como nós, os humanos e os glan-

derks.

Por outro lado, é bem provável que, ao nos julgar parecidos com seus animais de estimação favoritos, os humanos tenham sentido pelas carilybits a mesma confiança inicial que neles depositamos. Segundo eles, é como se houvessem viajado 40 anos-luz do Sol até Caril, apenas para reencontrar a “melhor amiga dos humanos” sob forma bípede e racional.

Tamanha coincidência cósmica, suposta obra de uma evolução convergente, foi o primeiro passo para aproximar a cariléia de nossos mais antigos e fiéis aliados.

Desde os primórdios da Guerra Ry’whax, aprendemos a confiar cegamente nos humanos, da mesma forma que nossas antepassadas pré-históricas confiaram o êxito das caçadas à visão acurada dos glanderks. Outros membros da antiga Aliança de Extermínio sempre julgaram difícil compreender nosso relacionamento quase simbiótico com os humanos. Não entendiam como era possível que carilybits e humanos colaborassem tão bem. Como nossos planejamentos político, científico e militar conseguiam se complementar de forma tão íntima, a ponto de quase não haver segredos ou reservas entre nossos dois povos, a ponto de tripularmos juntos as mesmas belonaves e colonizarmos juntos os mesmos planetas.

—oOo—

O conselheiro com fisionomia de glanderk pisca seus olhos grandes e brilhantes, separados apenas pelo mais vestigial dos focinhos, uma organela minúscula, em termos relativos ainda menor do que os de nossos animais de estimação.

Ele exala não o almíscar dos glanderks, mas um aroma curioso que aprendi a associar a machos humanos que vivem em planetas de atmosfera oxigenada.

Num latim incisivo bem pronunciado, o conselheiro introduz a si próprio e a seus dois companheiros. Os três humanos vestem trajes inteiriços que ocultam seus corpos quase inteiramente, deixando de fora apenas a cabeça e o pescoço.

Odysseus Magnus possui a aparência física exterior que os humanos costumam definir como paleomórfica, no sentido de que sua morfologia não foi alterada quer pelas artes da manipulação genética, quer por implantes biônicos externos. Tem esta-

tura elevada para um humano, sendo quase tão alto quanto eu. A compleição musculosa e seus batimentos cardíacos compassados indicam que Magnus foi concebido ou criado num planeta de gravitação um pouco mais elevada do que a Terra ou Norgall. Magnus veste o traje negro oficial comum aos membros de todos os conselhos da Federação.

Ah, o Conselheiro Magnus é um humano *macho*. Imagino que hoje em dia, mais de um milênio e meio após o Contato, pouca gente estranhe o fato de que entre os humanos, os machos da espécie sejam quase tão inteligentes quanto as fêmeas...

O conselheiro cultivava uma “barba” curta bem tratada (isto é, um trecho de pelagem facial presente sobre as mandíbulas de vários machos humanos). À medida que ele fala, percebo nuances em seu aroma corporal; um cheiro claramente artificial, aquele tipo de perfume ou loção que os humanos decerto julgavam agradável, embora produza a sensação intensa de cócegas no interior de nossas narinas...

O segundo humano, Maria Morgan, é uma fêmea com longa pelagem craniana de coloração clara. Seus batimentos cardíacos reduzidos, as estruturas óssea e muscular reforçadas, seu cheiro inconfundível e a elasticidade de seus movimentos levam-me a concluir tratar-se de uma natibélica, uma humana cujos antepassados foram geneticamente condicionados para enfrentar as agruras dos combates planetários durante a Guerra.

A farda de um verde discreto informa que Maria é uma oficial-cientista da Federação. Ela porta as insígnias de major, mas há um círculo de prata diminuto sobre a teta esquerda (Lembrando sempre que as humanas possuem apenas um par e não três). Não sei o que esse círculo significa, mas meu módulo de memória explica que se trata do símbolo do Serviço de Inteligência da Federação. Considero a presença de uma oficial da inteligência humana na comitiva do conselheiro no mínimo inusitada.

A oficial cheira a fêmea humana e também a essências e óleos naturais, uma mistura suave e delicada, bem distinta do odor agressivo da loção do conselheiro.

Embora Magnus pareça ostensivamente maior e mais forte que Maria Morgan, as fibras musculares concentradas da natibélica e seu metabolismo acelerado concedem-lhe a força de vários humanos normais. Considero diplomática a decisão de enviar um conselheiro normal acompanhado por uma oficial muitas vezes mais ágil e

vigorosa do que ele. Imagino que o Conselho Supremo da Federação não tenha dado ouvidos ao Departamento de Xenologia Aplicada da Terra, ou alguém de lá lhe teria explicado que teria sido mais diplomático e sensato simplesmente enviar a Caril uma conselheira...

Sou obrigada a aceitar a palavra do conselheiro quando ele afirma que o terceiro humano é um jovem macho. Se a natibélica já me pareceu neomórfica com a epiderme glabra, os glóbulos oculares espelhados e a musculatura saliente sob o uniforme justo, o que dizer dessa criatura que, pela idade informada, sequer saiu da adolescência, embora seja difícil julgar, visto que, como neomorfo radical, sequer pareça humano?

Não fossem as explicações do hierarca humano, eu juraria que o jovem introduzido como Cidadão Mucius Cisalpinus é membro de uma nova espécie alienígena recém-contatada. Assumido como humano neomorfo, sua aparência passa de neutra a medonha: uma massa disforme e pulsante de carne avermelhada, plástico e metal, com tronco elipsóide, pernas e braços finos e rígidos como varetas e um crânio protuberante revestido por um capacete maciço enorme, repleto de controles e indicadores.

Seu cheiro sabe mais a alienígena do que a humano... Por um instante chego a cogitar que o jovem talvez seja um híbrido humano-alienígena, com um travo de biomecanismo adicionado à mistura.

Ele veste uma espécie de armadura que brilha num branco leitoso e não possui quaisquer indicativos de cargo ou patente.

Mal consigo distinguir as batidas do coração desse jovem anômalo ante à miríade de ruídos — alguns de natureza inequivocamente artificial — provindos de suas entranhas.

— Fale-nos sobre os planos da Federação para estancar a Invasão Jkley. — Artigo num latim ríspido, em flagrante quebra de protocolo, numa tentativa vã de afogar minha perturbação com a aparência do adolescente humano. — A mensagem que recebemos insinuava que a humanidade já dispõe dos meios para derrotar os invasores.

— Devo presumir que a hierarca está em contato com seus pares.

Concordo com a suposição do conselheiro com um leve abanar de orelhas e ele continua:

— De fato, nosso Conselho Supremo já considera a crise jkley praticamente superada. — Odysseus Magnus pisca seus olhos grandes de glanderk, contrariando minha expectativa, ele não recorre a rodeios, mas vai direto ao ponto. — Estamos de posse, aqui mesmo, da arma que nos conduzirá a Associação Livre à vitória definitiva.

— Aqui mesmo? — Não consigo esconder a incredulidade. — Então vocês obtiveram afinal a colaboração dos n'ghartfs para adaptar os fluxos transicionais aos canhões hipercósmicos... Vosso invulnerável já recebeu os novos sistemas de armas?

— Ah, não exatamente. Acho que está havendo uma confusão. — Magnus franze a testa achatada antes de explicar. — Conforme os estudos conjuntos com os n'ghartfs indicaram, a fusão dos princípios dessas duas armas não é tarefa simples. Ao que tudo indica, não teremos tempo para uma empreitada deste tipo.

— Mas, então, qual é o teor dessa arma revolucionária?

— Viemos até Capella exatamente para demonstrá-la.

— Compreendo. Mas não seria possível pelo menos adiantar em que princípio se baseia essa arma?

A humana emite um som rouco inarticulado com a garganta. Aquilo que essa espécie denomina “pigarro”. O conselheiro olha para ela e balança a cabeça no típico gesto humano de concordância.

A oficial toma a palavra para explicar:

— Poderíamos falar sobre o funcionamento dessa... arma... ainda hesito em chamá-la assim. Mas é bem provável que vocês não acreditassem em nossas palavras. Pelo menos, não sem provas, e devido à natureza heterodoxa, por assim dizer, desse *recurso*, nós nem poderíamos culpá-los se não nos levassem a sério. Por isso, depois de pensar a respeito, o Conselho Supremo julgou que o método mais rápido de convencer nossos aliados seria através de uma demonstração prática.

Examino os semblantes do conselheiro e da oficial-cientista. Escuto suas frequências cardíacas. Ambos cheiram a sinceridade.

Agora compreendo a presença de um membro do serviço de inteligência da Fe-

deração.

— Que grau de sigilo deverá ser mantido ao longo dessa “demonstração prática”?

Maria e Odysseus trocam olhares. O conselheiro pisca os olhos brilhantes e responde:

— Esperamos contar com a presença maciça dos meios de comunicação de toda a União Carily e dos correspondentes alienígenas residentes em Capella.

Coço o focinho, nervosa. Presença maciça dos meios de comunicação? Correspondentes alienígenas? Isto não vai ser fácil...

Durante todo esse nosso agradável colóquio informal ao pé do elevador de desembarque do invulnerável, o jovem Mucius Cisalpinus permaneceu calado e absorto em fitar a linha do horizonte com ar ausente. Como se nada do que discutimos lhe dissesse respeito.

Nem o conselheiro, nem a major me explicam que papel o jovem neomorfo desempenha nesta visita diplomática sui generis.

Mais atordoada do que curiosa, abro mão das perguntas.

Ah, as idiossincrasias humanas...

Uma espécie tão brilhante e, ao mesmo tempo, tão imatura e tão repleta de fraquezas e contradições.

Pobres humanos! Jamais serenos ou plenos. Sempre dominados por seus eternos torvelinhos de emoções...

Franzo o focinho, inquieta. Estou mais preocupada com essa tal demonstração.

Convido os humanos a ingressar no flutuador automático que nos aguarda.

Durante o percurso curto até os prédios do controle do astroporto, Odysseus e Maria explicam o que vão precisar para a demonstração.

Cada vez mais preocupada, ainda do interior do veículo estabeleço contato com a hierarquia planetária e requesito uma espaçonave para nos conduzir até Norgall.

Espero que esses humanos saibam o que estão fazendo.

—oOo—

Após doze horas de uma viagem demorada e cansativa que qualquer nave estelar antiquada teria empreendido em questão de minutos, chegamos ao presídio especial para entidades alienígenas em a União mantém em Grawuff, o maior dos satélites naturais de nossa bela Norgall.

Nesse aspecto seguimos o exemplo dos humanos que, na época da Guerra, instalaram diversos presídios em Luna para prisioneiros ry'whaxers e n'ghartfs. Jamais tivemos tantos prisioneiros de guerra quanto a Federação mas, ainda assim, nosso presídio especial chegou a operar próximo da capacidade máxima durante os últimos séculos da Guerra. Com o término do conflito, as instalações estiveram para ser desativadas por duas ou três vezes. Contudo, graças ao boom turístico do pós-Guerra, o presídio acabou transformado em museu.

Com a Invasão Jkley, o velho presídio alienígena recuperou seu propósito original.

Mantemos por aqui pouco mais de uma centena de jkleii que os comandos de resgate de nossas belonaves conseguiram capturar com vida.

Fui obrigada me valer de toda a autoridade inerente a meu cargo para burlar os trâmites da burocracia de Grawuff. Não nego que o Conselheiro Magnus tenha ajudado bastante, intervindo de forma decisiva em duas ou três ocasiões mais espinhosas.

Caminhamos aos saltos no ambiente climatizado sob a cúpula do presídio. A baixa gravitação de Grawuff não parece incomodar minimamente os dois humanos adultos, embora o jovem Mucius não pare de emitir piados agudos intermitentes para exprimir seu desconforto.

Nossa excelsa líder de governo escolhe este exato instante para me contatar pessoalmente a partir de Norgall, distante uns meros dois segundos-luz deste satélite.

“O que você está pretendendo, Rarrff?” — Ela ribomba sem preâmbulos em meu endocomunicador no seu melhor tom abrupto habitual.

— Precedente Taw-Bahrur, os humanos desejam demonstrar o poder ofensivo de sua arma revolucionária. — Odysseus e Maria fitam-me sem entender o significado de minha fala, visto que articulo direto em carily. Ambos subvocalizam ordens ríspidas entre os dentes a seus trajes, provavelmente para solicitar traduções simultâ-

neas a seus endoprocessadores. Suspiro e continuo: — Eu e o Conselheiro concordamos quanto à conveniência de empregarmos cobaias jkleii.

A pausa se estende bem mais do que os poucos segundos que poderíamos atribuir à mera distância de Norgall. Quando a resposta enfim retorna, o tom preocupado da hierarca ecoa em minha cabeça:

“Essa arma está aí em Grawuff com eles?”

Fito Magnus e ele me responde com o gesto humano de assentimento.

Confirmo laconicamente a presença da arma.

“E por que todo esse rebuliço da imprensa de Norgall, viajando às pressas para aí ou entupindo todos os canais de telepresença? Um absurdo!”

— Faz parte do plano que estabeleci com os humanos, Precedente. Recebi há pouco as aprovações de nossa Hierarquia Científica e do Alto-Comando da Armada Conjunta.

Este último argumento cala fundo no espírito de nossa líder suprema. Embora a atual comandante geral da Armada Conjunta seja uma carilybit, o Alto-Comando não representa somente os interesses da cariléia, mas também, e sobretudo, os da humanidade.

Com um resmungo mal-humorado, a líder encerra o assunto:

“De acordo, então. Assuma o controle da situação desse lado aí. Você tem autorização para prosseguir.”

Sim, claro! Como se eu não soubesse...

Apesar da terrível expectativa, confesso-me bastante gratificada por fazer essa velha política de carreira, que sempre apoiou as iniciativas da Federação Humana por mais estapafúrdias que fossem, engolir um pouco de seu próprio remédio.

—oOo—

Resignada, a diretora do presídio recolhe a cauda e esfrega o focinho ante meu suspiro de triunfo.

Quinze minutos mais tarde, estamos frente a frente com os prisioneiros jkleii.

Frente a frente é modo de dizer, pois há um escudo energético quase invisível

nos separando dos invasores.

Eu, a diretora do presídio e nossos três convidados humanos estamos próximos à muralha transparente do escudo. Há uma multidão de carilybits da imprensa afastadas de nós por um cordão de isolamento disposto doze metros a nossas costas. Vislumbro cerca de uma dúzia de repórteres humanos misturados às nossas holografistas, bem como uns cinco ou seis observadores alienígenas, dentre os quais dois pseudo-insetóides n'ghartfs e um centauróide birmax.

Odysseus contempla os jkleii com seus olhos gigantescos.

As criaturas expostas atrás do escudo defletor são de fato impressionantes! Possuem dezenas de antenas no topo do crânio. Segundo ouvi dizer, algumas dessas antenas atuam como os olhos multifacetados dos n'ghartfs; outras agem como sensores auditivos ou olfativos.

Os jkleii direcionam as antenas em nossa direção. Talvez seja apenas imaginação minha, mas aposto que nos examinam com a arrogância gelada de quem se julga superior.

E por que não?

Afinal, esses cento e poucos indivíduos são representantes de uma espécie antiqüíssima, cujos antepassados já haviam destruído dezenas de civilizações mais poderosas do que a cariléia ou a humanidade numa época em que ainda cultuávamos os astros e as forças da natureza como deuses...

Seus corpos altaneiros e oblongos, recobertos por camadas esverdeadas de penas finíssimas, mantinham-se imóveis a um metro da superfície vertical do campo energético. Seus semblantes alienígenas, silenciosos e inescrutáveis.

As carilybits do presídio foram instruídas a explicar aos prisioneiros que eles assistiriam uma demonstração da arma que os faria implorar pela paz. Alguns poucos jkleii emitiram seu equivalente de sonoras gargalhadas, mas a maioria manteve-se impassível.

“Como ousam esses humanos bravos mas insanos,” — pensei com um travo de amargura, — “imaginar-se capazes de enfrentar uma espécie mais antiga e mais sábia, cujos efetivos são mais de cem vezes superiores aos nossos e cuja Armada é centenas de vezes mais poderosa do que qualquer força que a Associação pode sonhar

reunir?”

Notando meu estado de espírito, meu módulo processador intervém:

“Mas os humanos já fizeram isto antes! Não conheciam sequer a navegação pelo não-espaco e mal haviam explorado os recônditos de seu próprio sistema, mas se atreveram a desafiar um império que se estendia pelo espaçotempo afora... o Império Ry’whax, erigido por um povo outrora senhor absoluto de toda uma larga fatia da periferia galáctica.”

O Conselheiro interrompe minhas divagações de forma abrupta, ao afirmar:

— Nossa arma é esse humano. — Ele aponta para Mucius Cisalpinus, que continua imerso numa armadura de indiferença. — mais frágil e singelo que uma bateria geradora de singularidades e, no entanto, muito mais complexo e mortífero.

Há um burburinho de espanto no grupo aglomerado às nossas costas. Lanço um olhar para trás e constato surpresa também nos semblantes dos repórteres humanos.

Só pode ser brincadeira!

Odysseus Magnus faz pouco caso de minhas orelhas e cauda que se agitam indignadas, e continua jogando para a platéia:

— Esse é Mucius Cisalpinus. Pouco mais que uma criança, com 35 anos incompletos. Um rapaz humano aparentemente normal em todos os sentidos. — Noto a ênfase intencional no “aparentemente”. No que me diz respeito, “deformado” seria o termo apropriado. Odysseus continua descrevendo o adolescente: — Mucius é o que as gerações mais novas costumam a chamar de “neomorfo”. Como vocês decerto não ignoram, há mais de meio milênio várias culturas humanas decidiram abandonar nossa morfologia primata tradicional. Contudo, o fato é que, antes de nascer, esse jovem sofreu algumas manipulações genéticas radicais que...

— Poupe-nos da preleção científica, Conselheiro. — Disparo, rosnando baixinho, em meu último laivo de autocontrole. — Todos conhecemos o velho e discutível hábito humano de introduzir modificações pré-natais no programa genético de sua prole. Ao que nos consta, os próprios natibélicos foram criados assim, não é? No entanto, não consigo compreender como um único humano, por maiores que sejam seus talentos físicos e mentais, possa representar qualquer diferença significativa entre a derrota e a vitória...

— Se não entende, minha amiga, é sinal que chegou a hora da demonstração. Mostre a elas, Mucius.

O jovem enfim exhibe uma reação ao mundo externo. Levanta o braço direito e aponta para os jkleii. As atenções se desviam para os prisioneiros.

Com um canto de olho, observo as feições do adolescente modificando-se pouco a pouco. O olhar torna-se duro e penetrante. Os olhos se abrem, tornando-se quase tão grandes quanto os do conselheiro. Sua fisionomia assume um aspecto decidido e, tanto quanto posso dizer, um ar cruel, à medida que seus maxilares cerram-se trincados um sobre o outro.

Mucius fita diretamente os prisioneiros jkleii. Mesmo observando-o de lado, sinto como se uma forte carga emocional jorrasse do neomorfo para os invasores. Só impressão minha, é claro. Mas é uma sensação intensa a ponto de repuxar minha cauda e arrepiar os pelos de minhas orelhas e nuca. Um olhar de ódio em estado puro, como as Antigas costumavam dizer...

Se o olhar pudesse matar, esses jkleii estariam caídos, a estrebuchar sobre o piso.

Então é justo isto que acontece!

Até há instantes impassíveis atrás do escudo transparente, os jkleii acabaram de tombar ao solo e agora se debatem, contorcendo patas, braços e antenas num ritmo frenético, vítimas aparentes de uma agonia atroz. Agora, alguns jazem inertes sobre o piso, com um fluido amarelo viscoso supurando em fluxos lentos de seus orifícios cranianos. A plumagem dos poucos prisioneiros ainda conscientes tremula em desalinho, expressando primeiro susto e dor, e pouco depois o medo mais abjeto.

Os uivos lancinantes dos moribundos filtram-se através do escudo defletor. A pelagem de meu dorso se eriça contra minha vontade.

Por um segundo chego a pensar que os humanos trouxeram um refrator de campo energético oculto em seus trajes. Mas, não... Ao que eu saiba, um dispositivo desse tipo é grande demais para se escondido dessa forma.

— Pelo focinho da Grande Deusa! — A diretora do presídio enxuga o focinho úmido de medo. — O quê está exterminando meus prisioneiros?

“É o adolescente humano!” — Informa meu módulo de processamento.

— Não pode ser! Como é possível? — Indago, incrédula.

Meu implante permanece mudo.

Alguns jkleii mais resistentes ainda gemem e urram em seu próprio idioma.

Os sensores automáticos do presídio emitem um sinal de alarme num tom agudo insuportável.

“Alguns jkleii pedem clemência...” — Meu implante vacila, como se não acreditasse no que me revela.

Os últimos invasores alienígenas começam a tombar.

Não consigo controlar o tremor que me acomete. Sinto os pelos da nuca se erriarem. Não há explicação para esta chacina macabra.

—oOo—

— Basta! — Magnus ordena, dirigindo-se ao jovem neomorfo. E voltando-se para mim, acrescenta no tom de quem pede desculpas a uma cria bem nova. — Precisamos poupar alguns prisioneiros, se queremos que os sobreviventes contem o que vivenciaram hoje aos líderes da Frota Jkley.

Quase todos os jkleii estão caídos no piso de concreplástico. Alguns se contorcem fracamente em espasmos involuntários, mas a maioria jaz inerte.

“Vinte e três alienígenas não apresentam sinais vitais.” — O módulo sussurra num tom assustado que eu ainda não conhecia. — “Os sensores do sistema carcerário informam que foram vítimas de hemorragias cerebrais maciças e fulminantes. Não dispomos do conhecimento necessário sobre a biologia jkley para reconstituir os danos nos sistemas nervosos dos prisioneiros...”

Mais de vinte inimigos mortos, num piscar de olhos, sem qualquer razão aparente...

— O quê aconteceu? — Pergunto num latim trêmulo.

— Esta é a arma que queríamos mostrar. — O conselheiro explica com semblante jovial, como se falasse da coisa mais prosaica da periferia galáctica. — Uma pequena demonstração dos poderes empático-emissivos de Mucius.

— Fantástico... — Suspiro entre dentes. Observo que um filete solitário de suor

escorre do interior do volumoso capacete do jovem. Os olhos dele brilham intensos. Perdeu por completo aquele ar indolente de uns meros dois minutos atrás. — Mas o que aconteceu exatamente?

Quem explica é a major-cientista:

— Sempre existiram uns poucos humanos com um talento raro para interpretar e expressar sensações, sentimentos e emoções tipicamente humanos numa linguagem alienígena. Alguns geneticistas se perguntaram há séculos se esta característica, este talento, poderia ser estimulado através de alterações no genoma humano . Outros, mais ousados, imaginaram se não seria possível empregar tal poder como arma.

Os humanos e seus sentimentos atávicos...

Não vislumbro onde Maria pretende chegar.

A humana continua a preleção:

— Houve dúvidas se a capacidade de transmitir emoções inteligíveis para outro cérebro poderia ser de fato utilizada como arma. Além disso, havia toda uma miríade de questões éticas envolvidas. Para não falar no medo de que, mesmo se as experiências tivessem êxito, esses novos indivíduos não pudessem ser treinados ou controlados. Com a chegada dos jkleii e a compreensão da ameaça que a Segunda Invasão representava, todos esses escrúpulos e muitos outros foram postos de lado. Debelada a ameaça jkley, voltaremos às questões éticas e morais.

Fito a humana de boca aberta e língua pendente de espanto.

Tremo em pensar no que a humanidade foi capaz de fazer, uma vez decidida pôr fim à invasão.

Somente os humanos teriam coragem de vasculhar as funções emocionais primitivas de seus próprios cérebros em busca de ferramentas para derrotar o inimigo. Somente eles conseguiriam transformar em armas indefensáveis justo os atavismos pelos quais são acusados por várias espécies alienígenas, aliadas e adversárias, de serem pouco mais evoluídos que animais espertos.

— Um dos projetos mais ousados dessa ordem foi desarquivado e tomou forma.

— Maria Morgan me lança um olhar perscrutador para verificar se estou seguindo a explicação. — Centenas de milhares de embriões humanos foram submetidos a alterações em seu programa genético para produzir indivíduos como esse jovem que vo-

cês têm diante de si.

— E o que nós temos diante de nós? — Disparo na primeira pausa que ela me concede. — Como foi exatamente que ele conseguiu atingir os jkleii?

— Eu pensei no ódio que sentimos por eles terem destruído tantos planetas habitados. — Então Mucius Cisalpinus sabe falar! Mas os lábios pálidos engastados nessa boca vestigial permanecem cerrados. Sua voz emerge artificial de um aparelho preso sobre o pescoço fino e dobrado para trás em forma de “V”. — No ódio por terem ceifado tantas e tantas vidas humanas e alienígenas sem que nada pudéssemos fazer para detê-los. Sondei suas mentes com auxílio do capacete, analisando seus fluxos mentais e emocionais, para aprender como exprimir meu ódio de uma forma que eles pudessem compreender... e sentir.

Fito o neomorfo com curiosidade. De repente, percebo que seu aspecto hediondo já não é aquilo que mais me assusta nele.

Como os humanos tiveram coragem de transformar seus próprios filhos em monstros?

Controlo o tremor das orelhas com dificuldade. Não resisto à vontade de perguntar:

— Você fez com que eles sentissem o ódio que você nutre por eles... É isto?

— Exato.

— E porque eles sofreram tanto com isto?

— Meu capacete sintonizou a emoção para que os cérebros deles pudessem interpretar e então provocou um efeito de ressonância, fazendo com que a amplitude do ódio se elevasse centenas de vezes.

— Mas de onde veio tanta energia? Quase nada atravessou o escudo energético...

— É verdade. O efeito de ressonância foi produzido com a energia dos organismos dos próprios jkleii. Apenas programei seus cérebros e sistemas nervosos para que eles produzissem a sobrecarga.

— Incrível! — Agora não tenho mais dúvidas. Os humanos criaram monstros. Não admira que mesmo ante à ameaça da Segunda Invasão, hesitassem tanto antes de fazê-lo. — Esta experiência... a morte dos jkleii... já havia sido efetuada antes?

— Cinco vezes. Mas nunca fora do âmbito da Federação. — Odysseus Magnus explica.

— Para mim, esta foi a primeira vez. — Mucius declara, orgulhoso.

Giro as orelhas num gesto de alegria forçada.

Não há por acaso um velho ditado humano que afirma que “a primeira vez é inesquecível”?

— Vocês já dispõem desse poder há mais de trinta anos. Por quê só decidiram nos contar agora?

— Mucius Cisalpinus faz parte da primeira leva de quinze mil humanos capazes de transmitir emoções. O treinamento deles e o desenvolvimento da aparelhagem abrigada no capacete-transceptor só foram concluídos há três meses. Disputávamos uma corrida contra o tempo. Não duvide que aceleramos o máximo possível o desenvolvimento dessas crianças e o treinamento delas.

Não nutro dúvidas a respeito. Afinal, a cada ano que se passou, mesmo nessa fase que os jkleii afirmam ser uma espécie de compasso de espera, os invasores varreram dezenas de sistemas estelares. Muitos desses sistemas haviam sido habitados. E em vários deles, planetas e habitats orbitais não puderam ser evacuados a tempo...

“Precisaríamos de pelo menos 30 milhões de humanos irradiadores de emoções para destruir toda a frota invasora dos jkleii.” — Meu módulo de processamento afirma com rigor implacável. Não sei de onde ele tirou essa cifra estapafúrdia... — “Eles afirmam só possuir 15 mil...”

Coço o focinho, confusa.

— Qual é o raio de ação desse... poder?

— Vinte, talvez trinta quilômetros, dependendo do indivíduo. — Magnus responde lançando um olhar sério direto para mim, num tom tão baixo que os repórteres e holografistas não conseguem captar.

— Compreendo... — Resmungo, desanimada.

O conselheiro se volta para a multidão de repórteres que se acotovelam atrás do cordão de isolamento e declara, agora em voz alta:

— Este é o teor da nova arma. Humanos capazes de transmitir emoções mortíferas. Basta um desses novos guerreiros para aniquilar toda a população de um Peregri-

no!

— Mas isto é... — Os olhares de advertência dos três humanos me impedem de concluir a frase.

Um alarido imenso de júbilo se ergue do grupo de repórteres. Carilybits abraçam humanos e vice-versa.

Os observadores das espécies alienígenas aliadas agitam-se, entre o cepticismo inquieto dos n'ghartfs e a euforia relinchante do birnax.

Recomponho-me rápido e, decidida a compactuar com o ardil humano, dirijo-me aos repórteres:

— Muito bem, meninas! Espero que tenham registrado tudo. Esta guerra está ganha! A Invasão Jkley é fato pretérito.

— Amanhã mesmo o Alto-Comando da Armada Conjunta transmitirá nosso ultimato aos jkleii. — Odysseus acrescenta para a imprensa. — É claro que isto já poderia ter sido feito há uma ou duas semanas. Contudo, a Federação queria dar uma satisfação à cariléia, nossa aliada mais fiel.

— De qualquer modo, — comento em tom baixo, — os jkleii devem fazer pouco caso desse ultimato.

— Contamos que o façam. — Maria Morgan declara, abrindo em seus lábios estreitos de glanderk um sorriso frio e assustador que eu jamais julguei possível num humano. — Estamos preparados para esta contingência.

Pela postura ávida da oficial, eu diria que os natibélicos anseiam que os jkleii rejeitem o ultimato.

—oOo—

A imprensa carilybit e estrangeira cumpriu sua missão. O grande público da União Carily pôde enfim respirar tranquilo.

A boa nova espalhou-se igualmente pelos sistemas estelares da Federação e acabou se difundindo entre os povos alienígenas que compunham a Associação Livre através de suas respectivas embaixadas em Norgall.

Em muitas comunidades alienígenas de várias espécies distintas levantou-se a

hipótese de que o ultimato humano aos jkleii não passava de um blefe. Em Caril e na Exterioridade, todas nós, que conhecemos tão bem o espírito belicista da humanidade há mais de um milênio, sabemos que nossos aliados jamais fazem ameaças que não se julgam capazes de cumprir.

Os prisioneiros jkleii sobreviventes das várias experiências e demonstrações desencadeadas pelos jovens neomorfos humanos foram libertados e encaminhamos de volta à frota invasora.

Imagino que tenham falado sobre o horror que sentiram dentro de seus espíritos.

É claro que uma coisa é sentir essa experiência horrível na própria carne ou presenciá-la in loco. Outra, muito diferente, é ouvir sobre um horror decorrido a centenas de anos-luz de distância.

Ouvi dizer que o ultimato da Federação Humana foi recebido nos Peregrinos com o correspondente jkleii a um sonoro uivo de escárnio.

Como aqueles bípedes minúsculos e primitivos ousam emitir ultimatoss? Precisam receber uma lição.

A frota gigantesca mobilizou-se para invadir o espaço que a humanidade ocupa na Periferia.

Dois meses mais tarde, 287 Peregrinos vagam à deriva pelo espaço interestelar a meras vinte horas-luz de Victoria, o principal planeta humano do Sistema Triplo de Alpha-Centauri, sem nenhum jkleii vivo abordo. Outras 313 naves-mundo explodiram quando os últimos jkleii conscientes conseguiram ativar mecanismos de autodestruição existentes a bordo antes de sucumbir ao poder empático-emissivo dos neomorfos humanos.

Mais de 12.000 desses humanos especiais pereceram no ataque da Armada Conjunta à frota de Peregrinos.

Nossos aliados alienígenas não estavam tão equivocados assim.

Parte da estratégia humana consistiu num blefe, afinal.

A Federação consumiu quatro quintos dos efetivos de sua arma mais poderosa para abater menos de um milésimo da frota inimiga... Isto sem falar nos milhões de natibélicos e carilybits que morreram nas ações de abordagem e ocupação dos Peregrinos, tentando garantir a segurança dos adolescentes geneticamente alterados.

Talvez os jkleii tenham acreditado, quando os humanos ameaçaram destruir não apenas 600 Peregrinos, mas 60 mil, num segundo ataque devastador. É possível que ignorem que a Federação só disporá de novos efetivos de humanos emissivos para um ataques desses daqui a uma ou duas décadas.

Mas eu duvido.

Os jkleii estão longe de serem idiotas. Eu diria que os xenologistas deles são quase tão bons quanto os nossos...

Julgo pouco provável que não tenham descoberto que os humanos ainda não possuem efetivos necessários para cumprir a ameaça.

Pouco importa que acreditem ou não.

Pois agora que os jkleii descobriram com quem estão lidando, parecem ter perdido toda a empáfia. Estão ávidos para se sentar à mesa de negociações para acordar uma retirada honrosa das regiões reclamadas pelas espécies componentes da Associação Livre. Há fortes indícios que estão dispostos a aceitar todas as exigências da humanidade e da cariléia.

Pelo que conheço da psicologia jkley, nossos inimigos devem ter se perguntado como poderiam enfrentar uma espécie capaz de transformar seus próprios filhos em monstros horrendos, mentalmente disformes e com capacidades medonhas para em seguida enviá-los para a morte certa nas mãos do inimigo...

Um povo capaz de cometer um tal ato de barbárie com seus próprios rebentos deve ser capaz de absolutamente tudo. O inimigo mais cruel jamais conseguirá dobrar ou derrotar um povo assim. É bem provável que só a aniquilação completa, até o último indivíduo, assegurasse a vitória...

Mas como aniquilar um inimigo aquartelado no interior de sistemas quase inexpugnáveis?

Os jkleii sabem que o tempo agora corre a favor dos humanos e de seus aliados.

Por isso, solicitaram o armistício e nós o concedemos. Em nossos termos. Agora, somos nós que ditamos as regras do jogo.

Os jkleii deverão se retirar da nossa região da Periferia. E deverão abandonar de vez a atividade predatória. Caso necessário, nós os ensinaremos como extrair energia e matéria de universos desabitados. Por todas as áreas da galáxia por onde vagar, a

frota de Peregrinos será escoltada por flotilhas da Armada Conjunta, para garantir o fiel cumprimento dos termos de nosso tratado.

Ainda estranho ao ver os jkleii, outrora tão orgulhosos e seguros de si, com as cristas córneas baixadas em sinal de submissão. Agora dizem-se dispostos a seguir todas as condições que lhes estamos impondo.

Depois de mais de 300 mil anos vivendo como predadores, imagino que a mudança seja terrivelmente traumática para os jkleii.

Contudo, a médio e longo prazo, que escolha teriam? Enfrentar inimigos tão terríveis, cujas simples emoções são capazes de matar milhares de indivíduos a quilômetros de distância? Criaturas racionais impiedosas a ponto de sacrificar a própria prole num mero blefe?

Impossível...

E a cariléia, tendo os humanos por aliados, como fica?

Em toda a União, o povo e as hierarquias estão exultantes com a vitória e o desbaratamento da Invasão Jkley. Todos louvam a sabedoria de nossas ancestrais que na época do primeiro contato decidiram em favor de uma aliança duradoura com a humanidade.

Eu cá comigo, tenho minhas dúvidas.

Se já as tinha antes da chegada dos jkleii, hoje em dia elas se transformaram em pesadelos insuportáveis.

Não raro desperto de meus períodos de repouso com um mesmo pesadelo recorrente. Aqueles olhos imensos como os de um glanderk fitam-me insistentes. Deles, contudo, não recebo o olhar meigo e devotado dos nossos animais de estimação, mas a mirada fria e cruel de um olhar capaz de fazer meus piores medos, meus temores mais secretos, aflorar em realidade com força avassaladora, a ponto de destroçar meu espírito...

Minhas amigas e colegas de hierarquia afirmam de tais pesadelos não passam de tolices de minha parte. Mas fui eu e não elas quem presenciou a facilidade com que o jovem humano aniquilou os prisioneiros jkleii daquela forma horrível.

Por mais que eu tente relaxar e superar o assunto, meu implante está sempre repetindo um questionamento cada vez mais doloroso: “Com os novos poderes dos

humanos, que espécie ousará lhes fazer frente? É só uma questão de tempo até que tenham toda a Via Láctea na palma da mão... Que tipo de papel subordinado você julga que restará à cariléia neste novo equilíbrio de forças?”

Não tenho respostas para essas perguntas tão graves e insistentes.

Acaso possuíam os glanderks respostas para perguntas deste gênero quando iniciaram seu relacionamento simbiótico com aquelas primeiras caçadoras neolíticas?

O Autor fala sobre a obra

Se os Olhos Pudessem Matar... é uma história passada no universo ficcional, um futuro distante em que a humanidade tornou-se uma potência interestelar por mero acaso, ao resistir à tentativa de anexação por um império galáctico.

A história da guerra dos humanos contra esses alienígenas imperialistas aparece num romance inédito, *O Cordeiro que Matava Lobos*. Já a noveleta *Se os Olhos Pudessem Matar...* se passa mil anos após o fim dessa Guerra Ry'whax-Aliada (que durou cerca de 900 anos), sendo a primeira história desse universo ficcional a ser publicada.

Neste futuro distante esboço *en passant* a idéia de uma casta militar geneticamente separada do resto da humanidade.

A história é contada sob o ponto de vista de uma alienígena que, embora membro de uma espécie que é considerada como a maior aliada da humanidade, não concorda muito com os termos desiguais dessa aliança.

Falo em "uma" e não "um" alienígena, pois se trata de uma fêmea alienígena, visto que os machos da espécie são irracionais, fato que induz certos preconceitos interessantes quando ela trata com os humanos...

Daniel Alvarez, Setembro de 2001